



**EDUCAÇÃO NA PRIMEIRA INFÂNCIA SEGUNDO ROUSSEAU:
PRIMADO DA FORMAÇÃO CORPORAL E DESENVOLVIMENTO
DOS SENTIDOS**

Arlei de Espíndola¹

INTRODUÇÃO

Nesse momento, em 2012, quando se aproxima a comemoração do tricentenário de nascimento do filósofo Jean-Jacques Rousseau, àqueles que se dedicam ao estudo de sua obra, ou mesmo que admiram sua escrita diferenciada, possuem motivos suficientes para render-lhe homenagens. Pretendo fazer isso aqui, neste artigo, contribuindo muito acanhadamente, tendo como foco uma parte pequena de seu legado reflexivo sobre a educação e a formação moral.

O pensador genebrino, além de estabelecer uma filosofia rica, mas controversa, geradora de polêmicas, teve experiências de vida inusitadas, das quais não pôde se fazer imune, e até protagonizou, por outro lado, ações condenáveis. Ilustrativamente falando, ele perdeu a mãe 8 dias após o parto, foi criado a deus-dará, havendo sido abandonado pelo seu pai Isaac Rousseau que deixou Genebra quando ainda era criança. Além disso, casando-se e tendo 5 filhos, entregou-os à roda, sem hesitação. Entretanto, escreveu o grande *Emílio ou da educação*, obra motivada pelo reconhecimento e pelo amor devotado à infância, que muito lhe absorveu em sua vida. Essa se dedica, no geral, em pensar a construção da autonomia humana e conceder a esse ente a possibilidade de ingressar, no momento oportuno, em sua maioridade, estando aí apto a pensar por si mesmo e a conduzir-se retamente, ancorando no estado de plenitude.

Nosso alvo aqui, neste texto, consiste em recuperar alguns passos da reflexão de Rousseau no percurso desenvolvido por Emílio, o personagem

¹ Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Estadual de Londrina/Uel. Doutor em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP. E-mail: earlei@sercomtel.com.br

imaginário, o aluno simbólico, fictício, criado pelo filósofo, no livro *Emílio ou da educação*, na fase que compreende a primeira infância, que se situa entre o zero e os 12 anos de idade. Nessa passagem da vida humana toda a atenção do preceptor está voltada para refletir sobre o desenvolvimento corporal e sensitivo do educando em termos do que seria o ideal a ser consumado.

LUGAR E PROPÓSITO DO LIVRO

O *Emílio ou da educação*, publicado por Rousseau na França em maio de 1762, um mês após o lançamento do *Contrato social*, se constitui numa obra representativa no quadro da produção do filósofo. Ele mesmo, ciente da dimensão de seus escritos, o definiu como seu “grande tratado”, tendo-o como seu livro mais importante. Mattteu Simpson, trazendo elementos para uma polêmica, comenta que seu mérito teórico foi reconhecido pelos grandes filósofos que surgiram depois de Rousseau, mas que se trata, atualmente, de um trabalho quase ignorado, ao contrário do que se passa com o *Contrato social*:

os grandes pensadores da geração imediatamente posterior à de Rousseau, especialmente Kant, consideram este como um dos mais importantes trabalhos filosóficos jamais escritos. Contudo, dificilmente é lido pelos filósofos de hoje em dia, enquanto o *Contrato social*, que Rousseau considerou como um fragmento filosófico não acabado, é interminavelmente prospectado por *insights* e argumentos (SIMPSON, 2009, p. 147).

O conjunto toda das preocupações teóricas de Rousseau, entretanto, aparece disseminado ao longo do *Emílio ou da educação*, que produz um magistral desdobramento e uma notável verticalização de suas proposições iniciais, veiculadas em alguns de seus escritos mais breves. Mas o “grande tratado” possui características peculiares que estimulam e justificam a resistência dos leitores simpáticos aos quadros que seguem os modelos tradicionais. Chegando a seu fechamento como um romance, o *Emílio ou da educação* adere, no seu transcurso, a uma escrita literária, abrindo mão de definir rigorosamente seus conceitos. Tomado por construções paradoxais, segue orientado, em suas múltiplas páginas, pelos sentimentos de Rousseau,

que extrai grande prazer dessa experiência teórica, sem se preocupar em curvar-se aos padrões comumente aceitos no seu universo intelectual.

Como ponto básico do projeto filosófico de Rousseau no livro em questão está o interesse de promover uma abordagem teórica operando com figuras abstratas, simbólicas, imaginárias, que envolvem, de um lado, a figura do mestre, do preceptor, e, de outro, a figura do aluno, do educando, que Rousseau chama, igualmente a seu próprio livro, também de Emílio. Esse artifício aqui significa um recurso literário utilizado pelo autor para alcançar sua meta de pensar um processo pedagógico, um trabalho formativo, e de vida, em termos prospectivos e ideais. Henri Wallon afirma que se trata de: “um artifício literário para enunciar todas as condições requisitadas em vistas de uma feliz preparação do homem para a vida”(Wallon, Henri. “Introduction a l’émile”. In.: Rousseau, 1958, p. 11). E ainda o intérprete complementa: “mestre e aluno são seres puramente ‘imaginários’ que o autor se dá para sua demonstração”(idem, ibidem).

O alvo que Rousseau buscará atingir, por meio da ação inicialmente do preceptor, chamado aí de governante, já que seu papel é o de dirigir o educando, será alcançado com o trabalho permanente junto a Emílio, o menino de referência, no seu percurso de desenvolvimento e crescimento. Esse último, acatando a ideia de estabelecer um pacto com seu mestre, aceitará a presença deste como uma espécie de porta-voz da natureza no seu cotidiano, ciente de que desejará para ele o que aquela desejar. Rousseau compreende que o sucesso, enfim, dessa empreitada encontra-se dependente desse acordo mútuo, mostra-se vinculado a esse convênio selado pelos dois agentes.

Pela orientação do “grande tratado”, trabalhando conjuntamente com seu mestre, o jovem Emílio haverá de empreender um trajeto na sua vida que lhe conduzirá a fazer-se, quando adulto, um ser livre e autônomo, e, por isso, realizado, satisfeito, contente consigo mesmo.

PERFIL DO ALUNO IMAGINÁRIO

A educação natural, pertinente a esse período da primeira infância, que compreende do nascimento à pré-adolescência, precisa dar forma a um homem integral, tendo em conta o estágio máximo à que Emílio pode chegar

nessa fase, bem como a um indivíduo apto para suportar qualquer tipo de condição na sua vida. Ora, além de se cobrar então que haja um pacto entre os dois agentes educativos, devemos entender que o aluno imaginário tem de contar com um dado perfil de ser e de conduta. Rompendo com a noção de igualdade natural que concebia como existente no início da história hipotética da humanidade, no contexto em que imperava a liberdade natural, Rousseau pensa a educação natural situando Emílio no seio da sociedade de classes. Para ele, após sofrer seu percalço na história, o ser humano se organiza dividindo-se em classes sociais no interior da comunidade. Ou seja, existe o seguimento dos pobres e o seguimento dos ricos. Considerando um e outro destes seguimentos, será recomendável buscar Emílio em meio aos ricos. Diante da procura de um modelo ideal vale dizer que são os ricos, os favorecidos, que precisariam ser instruídos, ser moldados, para enfrentarem as dificuldades que a vida apresenta.

Os pobres conservam familiaridade com o estado hostil, adverso, apresentador de entraves, pela sua própria condição material na sociedade, marcada pelas privações em geral. Por isso Rousseau conclui que é menos “razoável educar um pobre para ser rico do que um rico para ser pobre”(ROUSSEAU, 1969, p. 267). É o rico que terá maiores desafios para subsistir fisicamente e se conservar íntegro no sentido moral, e virtuoso, fazendo-se de fato um homem.² Trabalhando nessa direção, teremos garantias de gerar um homem a mais na sociedade já que “um pobre pode tornar-se homem sozinho”(ROUSSEAU, 1969, p. 267), posto que se mantém mais próximo da vida de acordo com a natureza.

Também é essencial, no que toca ao perfil de Emílio, que ele seja um menino que represente um espírito comum. Como as figuras excepcionais, acima da média, não são próprias para servirem de modelo, e o contingente majoritário dos homens é que deve importar à quem se ocupa com a ordem de problemas que se está colocando, convém que Emílio seja um homem como o é a maioria dos homens. Isto é, que seja um espírito comum, uma criatura normal: “só se tem necessidade de educar os homens comuns; somente sua

² “Se Rousseau escolhe um Emílio rico, não é porque a classe rica é a mais importante: tal é a posição inversa à de um Locke; é porque se trata da classe mais ameaçada, a mais inclinada a cair no preconceito e no vício” (CHÂTEAU, Jean. op. cit., p. 159).

educação deve servir de exemplo à de seus semelhantes. Os demais se educam de qualquer maneira”(ROUSSEAU, 1969, p. 266).

IMPORTÂNCIA DO CONCURSO DOS DOIS SEXOS NA EDUCAÇÃO

O trabalho de formar Emílio, sendo movido pelo interesse de lhe estruturar física e moralmente, deve ser atribuído aos seus progenitores conjuntamente, quer dizer, precisa ser gerenciado, de forma primordial, pelo seu pai e sua mãe. Esses dois últimos indivíduos constituem a base de uma instituição julgada de alta importância e representatividade por Rousseau que seria a família. Tal instituição social, mesmo que estivesse passando por um momento de crise aguda no panorama do século XVIII, significava, em companhia da própria vida doméstica, “o melhor contraveneno para os maus costumes”(ROUSSEAU, 1969, p. 258) conservando-se bem estabelecida, com seus membros exercendo os papéis de sua competência.

Se for impossível essa missão acima ser desempenhada pelo casal que ocupa o lugar de pai e mãe de Emílio, Rousseau aceita que ela seja transferida, ficando sob a responsabilidade do governante em conjunto com a ama-de-leite. Em suma: “uma criança não deve conhecer outros superiores que não o pai e a mãe, ou, na falta destes, a ama e o governante”(ROUSSEAU, 1969, p. 274).

Estando um par dessas pessoas, ou o outro, com a tarefa de dirigir Emílio em sua vida, a partilha entre os dois sexos, conforme Rousseau, é algo inevitável. Diante disso, considerando a existência dessa verdade, o essencial é que haja sempre a unidade, por parte dos dois agentes, no modo de apreciar as coisas. Precisa haver a concordância ininterrupta na condução do processo educativo, pois significa um grande mal o infante ser puxado para extremos diferentes ao mesmo tempo, recebendo orientações antagônicas.

O inconveniente de ter a presença dos dois sexos na condução da educação não pode ser evitado, se queremos o bem da criança. Mas é possível tentar fazer com que esses representem apenas um para ela, trazendo o benefício da unidade de entendimento. Enfim: “o que se pode fazer para remediar a tal inconveniente é que as pessoas dos dois sexos que a

dirigem estejam de acordo a seu respeito, que os dois sejam um só para ela”(ROUSSEAU, 1969, p. 274).

VALOR DA EDUCAÇÃO E NECESSIDADE DE SEGUIRMOS A NATUREZA

Pensando as dimensões de seu *Emílio ou da educação*, Rousseau reconhece ser ele, na aparência, um livro realmente grande. Porém, tal obra far-se-ia pequena se considerarmos a matéria com a qual se ocupa. Seu foco principal, como sabemos, está centrado em todo o percurso que envolve a formação do ser humano. Essa temática acabou quase totalmente esquecida em vários trabalhos, escritos por tantos outros autores, que pretenderam legar ao público alguma coisa de realmente útil. Logo: “essa memória tornou-se insensivelmente uma espécie de obra grande demais, pelo que contém, mas pequena demais pela matéria de que trata” (ROUSSEAU, 1969, p. 241).

A educação, criando possibilidades para uma formação física, moral e intelectual adequada, significa o recurso de que dispomos para conduzir o ser humano a obter, efetivamente, independência e autonomia em sua vida. Impotente, sem forças no grau necessário, e subordinado ao auxílio dos adultos, esse último encontra-se, no início de seu desenvolvimento, bem distante da condição que seria a ideal para si mesmo e que se espera que alcance quando atingir a maturidade.

Rousseau reconhece a complexidade da educação e admite que o mestre, o educador, ao assumir seu papel, colocando-se, de certo modo, como um ser externo às relações que Emílio espontaneamente mantém, identifica o concurso de mais de uma fonte na orientação do homem. A educação, atuando como um mecanismo formativo, claramente “nos vem da natureza, ou dos homens ou das coisas” (ROUSSEAU, 1969, p. 247).

Importa compreender que a ação da natureza é aquela sob a qual não se pode exercer influência alguma e que a meta que ela atinge é a que deve ser perseguida. Interessa favorecer, então, seus movimentos para chegarmos perto cada vez mais da finalidade projetada, entendendo que a educação se constitui numa arte e que o objetivo maior estabelecido dificilmente pode ser alcançado em termos absolutos.

Vivendo a experiência de ser tutorada, sem o saber, pelo governante, que é atento aos clamores da natureza, a criança, fazendo-se bem educada, não será conduzida para lados diferentes ao mesmo tempo, e andarà sozinha em direção à sua meta. Essa sente o poder de seu verdadeiro mestre que comanda seu desenvolvimento, capitaneando a ação educativa, seja frente ao agir dos homens, seja frente à presença das coisas:

Cada um de nós é portanto formado por três espécies de mestres. O aluno em que as diversas lições desses mestres se contrariam é mal educado e nunca estará de acordo consigo mesmo; aquele em que todas visam os mesmos pontos e tendem para os mesmos fins, vai sozinho a seu objetivo e vive em conseqüência. Somente este é bem educado (ROUSSEAU, 1969, p. 247).

Tendo favorecidas suas disposições primitivas, nesse movimento que de certo modo concilia natureza e cultura, Emílio afasta-se de sua condição natural, já que ele é um recém-nascido; deixa processualmente seu isolamento originário desenvolvendo um trabalho de desnaturação que lhe impede de experimentar sentimentos de contradição, estando inserido na sociedade. Observamos, dessa forma, a ação de um mestre que despreza o curso educativo tradicional que tende a violentar a natureza; também notamos a confluência, nesta mecânica, de uma instituição social passível de ser elogiada, pois não renuncia de contribuir para a integração do educando no todo, fazendo-se, ao final, uma parte da coletividade.

PROPÓSITOS DA EDUCAÇÃO NA PRIMEIRA INFÂNCIA

O objetivo da formação de Emílio no sentido amplo, levando em conta toda sua vida do zero aos 25 anos de idade, está em fazê-lo, por um lado, um indivíduo forte fisicamente e robusto, explorando os limites de suas possibilidades corporais e sensíveis; e, por outro, em trabalhar para vê-lo, nos tempos futuros, como um adulto ágil no sentido mental, livre e autônomo, sendo capaz de pensar totalmente por si mesmo.

Agora precisamos entender que existe um alvo mais específico, que está embutido nesta meta maior, sendo algo projetado e estabelecido para a primeira infância. Esse deve ser consumado no espaço que vai do nascimento

de Emílio até ele chegar a seus 12 anos de idade, tempo que corresponde as duas fases iniciais de sua vida. Essa passagem, sendo ainda melhor detalhada, dá-se, inicialmente, do zero aos dois anos de idade, e, na sua segunda fase, dos dois aos doze anos. Nela a expectativa é a de avistar Emílio, neste ponto intermediário de seu percurso, bem desenvolvido fisicamente em seu ancoradouro, fazendo-se forte, resistente, saudável, e munido de todas suas capacidades sensório-motoras, chegando, portanto, no nível excelente de maturidade, próprio dessa fase. “Cada idade, cada condição na vida tem sua perfeição conveniente, sua espécie de maturidade própria”(ROUSSEAU, 1969, p. 418).³

Não é incomum ouvir-se falar de homens feitos, plenamente constituídos, maduros, mas agora cabe considerar uma criança pronta, formada nos padrões aqui idealizados por Rousseau. E nisso teríamos uma bela paisagem, um quadro agradável, passível de alimentar os sentidos, de inflar, de preencher a alma de quem a observa desprendidamente: “Não é o espetáculo dessa idade, um espetáculo encantador e suave, ver uma criança bonita, de olho vivo e alegre, com um ar de contentamento e serenidade, com uma fisionomia aberta e sorridente, fazer brincando as coisas mais sérias, ou profundamente ocupada com os divertimentos mais frívolos?”(ROUSSEAU, 1969, p. 423).

Com sua formação inicial completada, concluída, Emílio, estando preso, ainda, ao âmbito das necessidades que a natureza lhe impõe, desfruta do privilégio de não precisar fazer grandes exercícios mentais. As atenções devem se voltar para lhe conceder oportunidades de se certificar sobre a “metodologia” e o “instrumental” adequado para alcançar o gosto pelas descobertas, o interesse por vasculhar saberes, e o desejo de produzir conhecimentos no sentido intelectual do termo.

Evidenciamos o cultivo, por parte de Rousseau, da ideia de que mais vale impedir que o jovem se corrompa tendo contato com os vícios e erros, enquanto segue na infância, do que levá-lo propriamente a acumular informações e saberes teóricos elaborados, refinados.

³ “A criança não é um adulto inacabado, ela possui seu valor em si mesma. Em certo sentido, que é o mais importante, cada idade se basta a si mesma. Por esse motivo, devemos levar em consideração a felicidade da criança tanto quanto a do adulto” (CHÂTEAU, Jean. op. cit., p. 165).

Essa passagem que vai do zero aos doze anos de idade seria um momento muito melindroso na vida humana, valendo conservar-se todo o cuidado possível. Acertado compreender, então, que significa ganhar tempo, mesmo que na aparência esteja-se a perdê-lo, se o educando encontra-se efetivamente isolado do perigo de contrair vícios e de corromper-se: “O mais perigoso intervalo da vida humana é o que vai do nascimento à idade de doze anos. É o momento em que germinam os erros e os vícios, sem que tenha, ainda, instrumento para destruí-los, quando o instrumento se apresenta afinal, as raízes são tão profundas que já se faz impossível arrancá-las”(ROUSSEAU, 1969, p. 323).

O espaço precisa ser ocupado pela educação negativa, que se coloca como algo alheio às imposições advindas do mundo externo. Essa educação, sem aceitar constituir a criança segundo critérios da educação tradicional, e no ritmo definido pela sociedade, cumpre aqui seu papel importante. Ela conserva Emílio, finalmente, são, robusto, e imaculado em sua dimensão moral, na época crítica de sua infância, contendo seus avanços espirituais e intelectuais.⁴

Emílio acessa, pensando sobre o plano do saber, apenas os instrumentos que deverão lhe permitir realizar operações abstratas quando convier, quando for oportuno; fica, assim, pronto, também, para se exercitar intelectualmente na hora que chegar a ocasião própria para isso, estando de acordo com os ditames da necessidade.

DEIXAR A CRIANÇA SER CRIANÇA

O foco aqui, neste momento presente da vida de Emílio, recai totalmente sobre seu desenvolvimento corporal e sobre a expansão de seus órgãos dos sentidos, sem haver necessidade de requisitar-se um contato mais prolongado com discursos, livros e teorias.⁵

⁴ Inicialmente, conforme Wallon: “a educação deve sobretudo ser negativa. Ela deve não somente frear a aquisição dos conhecimentos, mas também retardar o desenvolvimento dos sentimentos e das paixões”(WALLON, Henri. “Introduction a l’Émile”. in.: ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Émile ou de l’éducation*. Paris: Éditions Sociales, 1958, p. 13).

⁵ Sabe-se que, segundo Rousseau, até os 12 anos de idade Emílio deve conhecer apenas um livro, apenas uma referência bibliográfica, qual seja, o *Robison Crusoe* do escritor inglês Daniel Defoe.

É visto por Rousseau como sensato que não seja apressado o passo na escalada de Emílio com vistas ao encontro de sua idade adulta que haverá de ser atingida ao seu tempo. O filósofo mostra-se em concordância com a ideia de que a regra maior, mais importante e mais útil, de todas, na esfera educacional, reside, nesta fase da vida que está sendo revistada, não “em ganhar tempo e sim em perder”(ROUSSEAU, 1969, p. 323). Quer dizer, “a instrução das crianças é uma profissão em que é preciso saber perder tempo para ganhá-lo”(ROUSSEAU, 1969, p. 394).

Em conformidade com esse ditame se assente de que a conduta sensata é algo que se liga ao fato de não se cobrar que as crianças raciocinem, porque isto não se constitui em algo próprio delas. Deve ser esperado que a infância nelas amadureça aos poucos, aguardando-se para exercitá-las nas operações do espírito até quando se tenha condições de fazê-lo, até quando se possa protelar esse começo. Caso se deseje mesmo agir com toda a correção, vale acompanhar a ordem seguinte: “exercitai seu corpo, seus órgãos, seus sentidos, suas forças, mas deixai sua alma ociosa enquanto for possível”(ROUSSEAU, 1969, p. 324).

Tende-se a trabalhar contra a perfeição e o equilíbrio do educando, tanto no sentido físico quanto espiritual, ao não se obedecer a ordem das coisas, forçando-o a fazer-se adulto precocemente: “seus defeitos do corpo e do espírito vêm quase todos da mesma causa: querem fazê-la adulta antes do tempo”(ROUSSEAU, 1969, p. 372).

Estimulando Emílio a possuir gosto pela vida, vontade de aprender, desejo de se desenvolver e crescer, terminamos por demonstrar amor por ele, respeitando-o como criança. Faz-se necessário que ele esteja livre para brincar, para se divertir em suas atividades, e aprender com suas experiências. “Amai a infância; favorecei seus jogos, seus prazeres, seu amável instinto. Quem de vós não se sentiu saudosos, às vezes, dessa idade em que o riso está sempre nos lábios e a alma sempre em paz?”(ROUSSEAU, 1969, p. 302).

Vigora o equívoco de se pensar que compete ao educador, na infância, buscar corrigir as possíveis más inclinações das crianças. Mas se isso não está totalmente em seu poder, há o risco de produzir males, ao invés de ganhos, e ainda impedir que o ser em formação desfrute sua vida concretamente: “infeliz

providência que faz um ser desgraçado no momento, na esperança de torná-lo feliz um dia”(ROUSSEAU, 1969, p. 303).

Importante compreender que a criança precisa do adulto em sua vida para que possa saber com correção onde fica seu lugar, e qual o teor de suas paixões, conforme a designação da natureza; esse lugar existe, e seu ser essencial também existe, na ordem da vida humana, mas a falta de maturidade da criança a impede de achá-lo por si só: “é preciso considerar o homem no homem e a criança na criança. Assinar a cada um seu lugar e nele fixá-lo, ordenar as paixões humanas segundo a constituição do homem é tudo o que podemos fazer para seu bem-estar. O resto depende de causas estranhas a nós e que não estão em nosso poder”(ROUSSEAU, 1969, p. 303).

O governante permitindo que Emílio na infância seja criança já estará cumprindo com a parte que lhe cabe. Buscar isso não tem o significado de torná-lo manhoso, vaidoso, autoritário, e passível de não tirar proveito de suas experiências.⁶ Pular, correr, gritar quando tiver vontade, deverá mantê-la em seu lugar, sendo-lhe isto coisa útil e necessária, sem produzir qualquer afetação na ordem eterna, que parte exatamente da infância na vida humana. Para não estragarmos a obra do criador, devemos conservar, enfim, o ordenamento por ele prescrito: “a natureza quer que as crianças sejam crianças antes de ser homens. Se quisermos perturbar essa ordem, produziremos frutos precoces, que não terão maturação nem sabor e não tardarão em corromper-se; teremos jovens doutores e crianças velhas”(ROUSSEAU, 1969, p. 319).

EDUCAR OS SENTIDOS

Todo o trabalho com Emílio desenvolvido até aqui, que se voltou para produzir o robustecimento corporal, foi aplicado com esmero por meio de atividades lúdicas, brincadeiras, jogos, educação física, e provações. Devemos ter claro, entretanto, que a dimensão corporal do ser humano é guiada pelos seus sentidos, e estes precisam ser vistos, portanto, com atenção, sendo

⁶ Rousseau fazia-se muito atento aos males da vaidade. Segundo Simpson: “ideia constante de Rousseau [...] a vaidade é a fonte de quase toda infelicidade e crueldade” (SIMPSOM, Matthew, op. cit., p. 41). Conforme Château: “toda a filosofia de Rousseau será, no fundo, uma ofensiva contra o orgulho humano – feita, aliás, por meio desse mesmo orgulho” (CHÂTEAU, op. cit., p. 66).

conduzidos ao aprimoramento de suas possibilidades. Só assim Emílio poderá chegar efetivamente no nível de maturação adequado para seu estágio de crescimento colocado em tela, posto no centro de nossas análises:

Há um exercício puramente natural e mecânico que serve para tornar o corpo robusto, sem de modo algum apelar para o julgamento: nadar, correr, pular, chicotear um pião, jogar pedras; tudo isso está muito certo; mas teremos também olhos e ouvidos? E tais órgãos serão supérfluos ao uso dos primeiros? Não exercitais portanto tão apenas as forças, exercitai os sentidos que as dirigem; tirai de cada um deles todo o proveito possível e verificai depois o resultado de um sobre o outro (ROUSSEAU, 1969, p. 380).

Mesmo que nessa passagem de sua vida, vinculada à lei da necessidade, que se estende até aos 12 anos de idade, a ênfase recaia na educação de Emílio, pela argumentação de Rousseau, na educação física e na formação corporal, o processo não deve parar por aí. Há o claro indicativo, embora rápido, do quanto o exercício de todos os sentidos, e o trabalho visando o desenvolvimento destes, é fundamental para o homem. É verdade que o espaço para esse tópico ficará maior no livro III do “grande tratado”, que estará pensando, já, o aluno na idade da força e não na fase reduzida ao âmbito da necessidade. Mas a centralidade de tal aspecto no curso da formação humana leva o filósofo a considerá-lo nesses livros que precedem com todo o interesse.

ENSINAR EMÍLIO A SER BOM

Os ensinamentos morais não devem se fazer também totalmente estranhos a Emílio na primeira infância. Aqui, nesta passagem de sua vida, não será o momento, claramente, de conduzi-lo a familiarizar-se com os valores morais no nível de sua exaustão. Cabe disseminar um princípio dessa natureza, porém, que vai servir tanto para a infância como também aos períodos futuros de sua existência. Esse princípio compreende em fazê-lo um indivíduo bom e generoso frente aos seus semelhantes: “aprofundai todas as regras de vossa educação, vereis que todas são erradas, principalmente no que diz respeito às virtudes e aos costumes. A única lição de moral que

convém à infância, e a mais importante em qualquer idade, é a de não fazer mal a ninguém”(ROUSSEAU, 1969, p. 340).

Alcançar esse feito de ter alguém assim no convívio humano, que não faça mal a ninguém em nenhum momento, é uma coisa, a um só tempo, sublime e difícil. Vale perseguir, entretanto, essa meta de ver Emílio se constituir dessa forma, ou seja, que se mostre capaz de ser sempre bom aos outros, pois assim fará bem aos seus semelhantes. Nele ver-se-á firmeza de propósitos, vigor moral e psicológico, e a expressão permanente de contentamento consigo mesmo em todos seus dias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esse trabalho cuidadoso, junto a Emílio, deu-se a ele uma boa constituição corporal, fazendo-o forte, vigoroso, e saudável. Viu-se também como sendo de alto valor desenvolver seus órgãos dos sentidos, decisivos na orientação de seus movimentos; buscou-se determinadamente, também, familiarizá-lo com a ideia de ser bom aos outros, já que um jovem de doze anos não poderia ficar totalmente alheio ao âmbito da vida moral; criou-se condições, primordialmente, para que empreendesse seus progressos na esfera corporal, realizando os propósitos a que deveu se prestar a atividade educativa no quadro próprio da primeira infância. Consumou-se, assim, o ideal projetado para essa fase da vida, mantendo o indivíduo em formação no seu lugar, deixando-o em estado de pleno acordo consigo mesmo. Viu-se que ele se beneficia, finalmente, de suas virtudes e possibilidades, carregadas consigo neste momento, e se sente feliz tanto quanto consegue ser.

REFERÊNCIAS:

CHÂTEAU, Jean. *Jean Jacques Rousseau; sa philosophie de l'éducation*. 2 ed. Paris: Vrin, 1969.

CLAYDON, Leslie F. *Rousseau on Education*. London: Collier-Macmillan, 1969.

ESPÍNDOLA, Arlei de. *Jean Jacques Rousseau; gênese da moralidade, liberdade humana e legitimidade*. Passo Fundo: Editora da Universidade de Passo Fundo, 2010.

ROUSSEAU, Jean Jacques. *Émile ou de l'éducation*. Oeuvres Completes. Paris: Gallimard, T. IV, 1969.

_____. *Emílio ou da educação*. Trad. de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

SIMPSON, Matthew. *Compreender Rousseau*. Trad. de Hélio Magri Filho. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

WALLON, Henri. "Introduction a l'émile". In.: ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Émile ou de l'éducation*. Paris: Éditions Sociales, 1958.

WOKLER, Robert. *Rousseau*. New York: Oxford University Press, 1995.